



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA - UNILAB
INSTITUTO DE HUMANIDADES-(IH)
BACHARELADO EM HUMANIDADES-(BHU)**

VLADIMIR DA COSTA

**KATCHITURAN EM CAIÓ, GUINÉ-BISSAU:
O POVO MANDJAKU E A FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO ÉTNICO-SOCIAL**

ACARAPE / CEARÁ

2022

VLADIMIR DA COSTA

**KATCHITURAN EM CAIÓ, GUINÉ-BISSAU:
O POVO MANDJAKU E A FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO ÉTNICO-SOCIAL**

O presente projeto de pesquisa, é apresentado a curso de Bacharelado em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Humanidades.

ORIENTADORA: Prof.^a Dra. Natalia Cabanillas

ACARAPE / CEÁRA

2022

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa dos setores da região de Cacheu	6
Figura 2 - Dança de Katchituran em Caió, 2020	19
Figura 3 - Meninas vestidas para participar na dança (frente).....	24
Figura 4 - Meninas vestidas para participar na dança (atrás)	25
Figura 5 - Fila de dança dos meninos e das meninas nas ruas.	25
Figura 6 - participantes de Katchituran Caió 2020.....	25
Figura 7- Dançarino no seu Untadju (barraca construído de panos de pinti).....	25
Figura 8 - Cansaré para ritual de previsão (imagem colocado é para ajudar na compreensão)	25
Figura 9 - Os vendedores de panos de pente no mercado nacional guineenses.	25
Figura 10 - Deferentes tipos de panos de pente, (os que estão em cima são mais cara ao relação aos que estão em baixo.....	25

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO REGIÃO DE CACHEU E O POVO MANDJAKU	6
3 PROBLEMATIZAÇÃO	8
4 HIPÓTESE	9
5 OBJETIVOS.....	10
5.1 Objetivo Geral:	10
5.2 Objetivos Específicos:.....	10
6 JUSTIFICATIVA	10
7 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	11
7.1 A formação do imaginário étnico-social dos Mandjakus	14
8 DESCRIÇÃO DE <i>KATCHITURAN</i>.....	15
8.1 A presença da música e a dança, nas cerimônias dos Mandjakus.....	17
9 METODOLOGIA	20
10 CRONOGRAMA	21
REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICAS	22
11 ANEXOS	24

1 INTRODUÇÃO

Em diversas sociedades humanas, existem rituais e costumes que orientam a vida cotidiana. Eles servem para marcar as fases de vida de homens e mulheres. Na etnia Mandjaku, *Katchituran*¹ consiste em ritual de passagem celebrado uma vez por ano, especialmente no mês de dezembro com objetivo de transmitir os sagrados valores culturais para os jovens (homens e mulheres) na *tumba*², tendo, como finalidade, realizar a vida de *colegasson* “*uran*”³. O principal significado atribuído *kebur* de *colegasson* (colheita coletiva), *Katchituran* é uma cerimônia que tem três motivos: o primeiro-, avaliar entre aqueles jovens que têm mais estrutura física para resistir o frio; segundo-, engrandecer a representação de uma geração e por último, adotar à criação de um incentivo para os homens príncipes (*Undigas*⁴) na língua mandjaku.

Os indivíduos aptos para essa cerimônia, passarão por um ritual de previsões feito pelo *Cansaré*⁵, para saberem entre aqueles jovens quem está na condição de participar na competição, para que não houvesse os futuros ricos misteriosos (feitiçaria).

A escolha dessa temática, para o trabalho de conclusão de curso (TCC) se deu por diversas razões: a primeira é justamente para entender, como é que se faz essa cerimônia de *Katchituran*; a segunda visa conhecer melhor o papel do *Katchikuram* entre as sagradas manifestações culturais da etnia Mandjaku; e a terceira, mostrar o valor cultural da etnia Mandjaku.

Com isso objetivo principal do trabalho visa compreender o papel de *Katchituran* na formação imaginário étnico-social dos Mandjaku do setor de Caió. Igualmente, entender os procedimentos ritualísticos da cerimônia *Katchituran* como: ritual de previsão, autoridade do Régulo, significado da vassoura e água no ritual, os ritmos tambores, (música/dança) etc. Mas, ao longo dessa construção do trabalho, esses aspectos serão analisados e compreendidos com mais pormenores e atributos.

O presente projeto de pesquisa é de cunho qualitativa, que contém com levantamentos e análises bibliográficos dos textos, artigos, livros, relacionado com a temática, também,

¹ *Katchituran*, é uma forma de classificação de fase de vida ou faixa etária na sociedade mandjakus de setor de Caió. Muitos denominam como, colheita do grupo. *Katchit* - significa *kebur* (Colheita) / separação, e *Uran* – significa *colegasson/Mandjua* (colegas/coletivo)

² *Tumba*- local de encontro dos jovens na tabanca (povoação).

³ *Uran*- Mandjuandade, (Coletivo) que significa pessoas da mesma faixa etária (homens e mulheres), que partilham coisas juntos, é como irmandade.

⁴ *Undigas* – Homens famosos (príncipes), na tabanca.

⁵ *Cansaré*- (nome comum) é construído como estilo de maca que os bombeiros carregam as pessoas, e tem quatro parte. Ele é coberto com panos vermelhos e, panos de pinti. É utilizado para desvendar os acontecimentos que ocorreu na comunidade.

indagaremos os pontos de vista dos estudantes mandjakus que estudam na Unilab-CE sobre a sua experiência ao passar pelo ritual, baseando na oralidade, como uma forma de aproximação para sustentar as análises. Vídeos e fotografias proporcionados pelos participantes, ou obtidos através de contatos em Guiné-Bissau, servirão como disparadores da memória para conduzir as entrevistas e conversações.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO REGIÃO DE CACHEU E O POVO MANDJAKU

A região de Cacheu situa-se no norte da Guiné-Bissau na fronteira com Ziguinchor região da República do Senegal. Localiza-se na zona rural do país, com superfície de 5.174,9 km² conforme dados de INE (2009). A região de Cacheu possui 192.508 habitantes, de acordo com dados de Instituto Nacional de Estatística (INE) levantado em 2009, os Mandjakus correspondem a 13,3% da população do país. Esta região é constituída por seis setores: Bigene, São Domingos, Bula, Caio, Canchungo e Cacheu. Jalo (2019, p.03), afirma que “o setor de Caió situado a 28 km de Canchungo com 664,3 km², e a sede administrativa do sector, composto por sete (7) tabancas⁶ são eles: *Batchou, Tubébe, Bulabate, Bissoi, Tumambú, Dikantanhe, Caiomete*, da etnia mandjaka”.

Figura 1 – Mapa dos setores da região de Cacheu



Fonte: Monografia da região de Cacheu, Guiné-Bissau (Autor desconhecido)

⁶ Tabanca – (crioulo guineense) – “se refere ao que se chama também de “aldeia” ou comunidade de um determinado grupo étnico. As tabancas normalmente se referem ao espaço de compartilhamento de cultura e saberes de cada grupo, estando localizadas dentro das cidades e setores da Guiné” (JESUS, 2018, p.8)

De acordo com Mendes (2014, p.09) “a maior parte dos habitantes desta região é do grupo étnico mandjaku [...]”. Afirma que entre esses setores da região do Cacheu os mais representativos são setor de Canchungo e setor Caió. A autora demonstra que a sociedade Mandjaku nesta região está dividida por nove (9) comunidades ou subgrupos. E eles agruparam “em função de três critérios: proximidade geográfica, parentesco e afinidade linguística”, são eles:

O subgrupo Djeta, Picixe e Caió; o subgrupo Canhobe, Tam e Pandim; o subgrupo Babok (...) que integra Canchungo, Utia-Côr, Pontchenar, Canou, Bará, Capol, Badjope, Blequisse, Cadjindjassa, Tchualam, Petabe, Beniche etc.; o subgrupo Tchur, que integra Tchur, Cacheu, Mata e Bianga; o subgrupo Pantufa, o subgrupo Pelundo e Binhante; o subgrupo Basserel; o subgrupo Caliquesse, e subgrupo Cobiano (MENDES, 2014, p. 10).

Na proximidade geográfica, tendem em conta questão de diversidade cultural que existem nos territórios mandjakus, e o nosso foco se baseia no subgrupo Djeta, (Picixe e Caió) por terem algumas similaridades, tanto na língua falada, quanto nas cerimónias e rituais celebradas em diferentes períodos do ano por exemplo: *Cacau*, *Cauet-Puboman*, *Cansarai*, *Katchituran* e entre outros rituais presentes nessas comunidades tradicionais.

No que tange ao sistema de parentesco, segundo Mendes (2014, p.11), este subgrupo referido em cima “caracteriza-se por um sistema de parentesco de pendor matrilinear e os outros por um sistema de parentesco de pendor patrilinear”. O parentesco de pendor matrilinear é através do qual somente a ascendência (família) da mãe é tida em consideração para transmissão do nome, como também nos momentos importantes dos filhos/as, por exemplo: no casamento, circuncisão etc. Mesmo acontece no pendor patrilinear. Dentro dessa linha, Mendes (2014), nos mostra que “não existe um sistema de parentesco puro” como descreve em baixo:

[...], nenhum deles regula exclusivamente todos os aspetos do parentesco, registando um certo hibridismo, mas com preponderância de um sistema em detrimento do outro em cada comunidade. Por outras palavras, estes sistemas de parentesco não são exclusivos, existindo determinados aspetos do parentesco em cada comunidade que são regulados pelas regras da patrilinearidade e outros pelas da matrilinearidade, mas, do ponto de vista da hierarquização das normas, umas localizam-se no topo em relação às outras. (MENDES, 2014, p.11).

Em cada sociedade mandjaku, como caracteriza Faculdade de Direito de Bissau e INEP (2007 e 2011, p.38), é organizado por seguintes elementos: Régulo⁷, Chefe da tabanca (Nasin Utchak), Comité geral e povo. Mas o Régulo que exerce o poder máximo na autoridade, ele organiza as questões materiais e questões espirituais na comunidade em geral. Afirma Jesus (2018, p.09) que, eles “possuem uma liderança política centralizada em uma instituição, os regulados”. Isso mostra que o regulado é um processo contínuo na sociedade Mandjaku, e, é herdada de geração a geração, que contém a mesma linhagem ou sangue real. Chefe da tabanca (Nasin Utchak), ele exerce o poder de decisão, organização e julgamento de litígios. Enquanto, “o Comité geral na sua área de atuação, tem competência para organizar e gerir a vida na tabanca no que respeita às questões de interesse público, como as campanhas de vacinação, fazendo a ligação com o poder político do Estado”. (FDB, 2007-2011, p.38)

É notório que, nesta sociedade, as mulheres não ocupam os cargos de grande responsabilidade política, como régulo ou chefe da tabanca, porque elas “não podem normalmente exercer o poder de decisão na tabanca”. Mas podem encarregar de decisão na tabanca, “quando são responsáveis por uma família autónoma” (FDB, 2007-2011, p.262)

O povo Mandjaku cultivam o arroz, a batata, *mancara* (amendoim) e entre outros produtos. Segundo Carreira (1947, p.17) os Mandjakus viviam de “caça, pesca, aproveitamento das matas e frutos silvestres, também de criação dos animais domésticos para aproveitar os seus produtos como (carne, leite, pele etc.)”. Muitos mandjakus vivem fora dos seus territórios, a procura da melhor condição de vida principalmente os estudos. Os outros nasceram nos países vizinhos assim como na diáspora, mas, eles fazem parte ou pertencem a essa comunidade Mandjaku por tradição e costumes que eles praticam fora do território.

3 PROBLEMATIZAÇÃO

É evidente que, cada cultura baseou-se nas regras e nos princípios da sociedade no sentido de tradição, que lhes representam para melhorar e respeitar as suas convivências diariamente. Segundo Harari (2015, p.172), “cada cultura tem crenças, normas e valores característicos, mas estes estão em transformação constante”. Isso nos leva a pensar na a cerimônia de *Katchituran* que está sempre a ganhar novas formas e figurinos, e novas ideias

⁷ “O régulo é a principal liderança de uma tabanca. Cabe a ele conduzir cerimônias mágico-religiosas, tomar as decisões finais de interesse da coletividade e representar sua tabanca como agente político da sua região” (JESUS, 2018, p.08).

para pensar o ritual. Uns dos fatores que influencia o ritual, é questão imigratória (mercantilização) dos Mandjakus faz com eles adquirem outras formas de pensar o mundo.

A sociedade mandjaku é um dos territórios com muitas performances culturais, e graças a essas práticas, os Mandjakus vivem em comunhão. Quer dizer, quando acontece algum evento na *tabanca* ou na comunidade (pode ser ruim ou de bom), eles se juntam para dar apoio em tudo que for necessário no momento (se membro de aldeia tem “choro”, desgosto eles apoiam com panos de *pinti* para funeral; assim também para os/as que têm trabalhos de campos (eles dão apoio na lavoura). Por isso, surgiram várias manifestações culturais nessa sociedade mandjaku, que são: *Cacau*, *Katchituran*, *Cauet-puboman*, e Cansaré, que são realizados em diferentes períodos do ano. Todos esses rituais são muito importantes para manutenção de sociedade mandjaku, mas, o inevitável é *Katchituran* que marca a fase de vida de um indivíduo ou faixa etária dos jovens nessa sociedade. Por isso, trouxemos as seguintes questões: Quais são as contribuições de *Katchituran* na formação do imaginário étnico-social dos Mandjaku do setor de Caió? Como se dão e se faz os procedimentos ritualísticos da cerimônia *Katchituran*? Qual é o impacto da globalização e da modernidade na execução do ritual?

4 HIPÓTESE

A manifestação de *Katchituran* tem uma grande contribuição na formação do imaginário étnico-social, para união dos mandjakus do setor de Caio, o ritual não só é um ato simbólico que se faz para transmitir valores e conhecimentos para os jovens (homens e mulheres) na sua forma de interferir no mundo, também, produz a pertença a comunidade. *Katchituran* é como uma fonte que dá energia para todos os membros da comunidade que passaram nesse sagrado ritual de passagem que permite os participantes a exprimir os seus sentimentos através da dança. Como sabemos que a dança é política, porque ele tem o seu ritmo e padrão as quais constituem as artes de expressões, a corporeidade. Durante a cerimônia ou manifestações culturais, a comunidade se sente renovada e viva que permite a unificação de todas as gerações dentro da *tabanca*. Nesse ritual também se nota a presença de globalização e modernidade, uma vez que tem a participação dos assessores como (os óculos escuros, guarda-chuva etc.), as tecnologias utilizadas pelos jovens para registrarem o momento e entre outras formas para garantir a continuidade do *Katchituran*.

5 OBJETIVOS

5.1 Objetivo Geral:

- Compreender o papel de *Katchituran* na formação do imaginário étnico-social dos Mandjakus do sector de Caio.

5.2 Objetivos Específicos:

- Descrever e entender os procedimentos ritualísticos da cerimônia *Katchituran*;
- Analisar as cerimônias e rituais de transição na etnia Mandjaku;
- Indagar os significados atribuídos pelos jovens à cerimônia de *Katchituran*;
- Destacar o papel desta etnia na formação imaginária social.

6 JUSTIFICATIVA

O trabalho justifica-se em diversas razões: a primeira, entender, como é que se faz essa cerimônia de *Katchituran*, desde que não existe ainda um corpus bibliográfico sólido sobre esta manifestação cultural, este trabalho seria simultaneamente uma pesquisa acadêmica e um registro historicamente situado sobre a cerimônia; a segunda visa conhecer melhor o papel do *Katchikuram* entre as sagradas manifestações culturais da etnia Mandjaku, pois, não é suficiente ter nascido na África nesse grupo étnico Mandjaku para entender a minha cultura, mas, preciso também estudar e debater sobre ela, seus significados profundos e suas dinâmicas; e a terceira, mostrar o valor cultural da etnia Mandjaku, uma vez que é atualmente pouco estudado na academia.

No âmbito acadêmico, justifica-se pelo fato de ser uma temática pouco discutido no nosso país, neste sentido, este projeto pode tornar uma referência bibliográfica para futuros pesquisadores e pesquisadoras no processo de construção do objeto das suas pesquisas ou no processo do desenvolvimento dos seus trabalhos acadêmico. O trabalho vai contribuir e ampliar o conhecimento na UNILAB, na sociedade guineense trazendo assim as questões relevantes dos ciclos da vida humana dentro da comunidade tradicionalista.

O ritual de *Katchituran* contribuiu também na construção de riqueza cultural do país através das investidas (os panos de pinti), que hoje em dia ganhou muita aderência no mercado nacional guineenses e até nas diásporas. Os panos de pinti enquanto artefato cultural da maioria dos grupos étnicos existentes no país merecem uma atenção específica, já que a

saturação de usos, significados e relevância não se reduz a qualidade de ser apenas um objeto na sociedade guineense, e sim como um patrimônio material e imaterial.

Este projeto também contribuirá como elemento informativo para a sociedade, ajudando na compreensão da realidade dos povos do setor de Caio e, em especial Mandjaku, de modo preservar ou conservar o legado deixado pelos seus antepassados. O trabalho tem o foco, narrar alguns acontecimentos que marcaram ou identificam o povo mandjaku como um dos grupos étnicos mais religiosos em termos de prática ou de uso de *Iran*⁸ para resolverem os seus problemas dentro das normas estabelecidas tradicionalmente na comunidade para garantir uma ligação entre os vivos e mortos (no caso dos ancestrais) e, tudo isso é um processo contínuo.

7 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Na sociedade africana especificamente em Guiné-Bissau, os ritos de iniciação servem para orientar ou educar as pessoas de melhor forma de lidar com os outros. Na etnia Mandjaku assim como em outras etnias, os rituais são celebrados para marcar mudanças de fases dos indivíduos dentro de uma determinada comunidade tradicional.

Van Gennep afirma que:

[...] os ritos de passagem são realizados para dividir papéis sociais em universos altamente totalizados, onde as relações sociais tendem a uma multiplicação (são, nas suas palavras, “relações multiplex”) e todos se ligam com todos. Nestes sistemas, que caracterizam os sistemas tribais, a teia de relações sociais tem uma realidade maior do que o indivíduo, de modo que separar papéis é um ponto básico, realizado com o auxílio dos rituais, sobretudo dos ritos de passagem (GENNEP, 2012, p.19).

Segundo Tania Jaló (2019, p.03), o valor do rito de passagem, no caso de *Katchituran* que é uma das comemorações mais importantes no território mandjaku, especificamente no setor de Caio, autora denominou o significado de *Katchituran* como *Kebur de colegasson* (colheita de um determinado grupo), onde o grupo é composto por jovens incluindo meninos e meninas que pertencem ao mesmo grupo etário que na etnia Mandjaku é muito importante.

Por isso:

É correto afirmar que *colegasom* é uma forma de organização étnica e comunitária, na qual há a divisão de tarefas e de papéis sociais e de gênero. Assim, os membros da *colegasom* se juntam para fazer trabalho na tabanca, de igual modo se juntam para festejar usando seus panos de pinti (pente). No entanto, tudo é antecedido sempre pelas reuniões de grupo, nas quais eles/elas escolhem um dia para realizar esse evento que não é apenas um simples encontro, mas sim um momento comunitário e de base ancestral para divertir, dançar, comer e beber..., mas essas coletividades não são apenas para realização das festas, mas também para ensinar aos seus membros a melhor convivência na sociedade. para atingir os objetivos de socialização da

⁸ *Iran* – “é apenas um nome comum de todas as entidades sobrenaturais de todas as etnias da Guiné-Bissau” (JALÓ, 2019, p.6)

memória coletiva, o grupo adota o método das contribuições de cada membro (abota), na qual os valores são estipulados e os prazos de pagamento são determinados (JALÓ, 2016, p. 24).

Apesar da força da desigualdade de gênero que ocorre na África devido a colonização, mas que, nesta sociedade tradicional mandjaku, a divisão não é só de gênero, também se divide por idade / geração. Logo, é uma forma de organização. As diferenças de papéis nem sempre assinalam desigualdade de gênero nesta comunidade ou sociedade.

Para Odete Semedo (2010, p.143), “as colegasson / mandjuandade atuais não depende só das pessoas da mesma faixa etária, entretanto, do espírito de solidariedade e de disciplina, partindo nas atitudes dos seus dirigentes”.

No entanto, a mandjuandade é um grupo de pessoas da mesma idade, que tem a sua origem nas aldeias, são pessoas que se juntam para a realização dos trabalhos no campo, na colheita e noutras atividades. O *Katchituran* apresenta as mesmas características de mandjuandade, mas, eles não são a mesma coisa. Pois, *Katchituran* é uma cerimônia sagrada que transforma os jovens mais maduros/as e confiantes para tomar parte nas grandes reuniões e decisões na *tabanca*. Este grupo tem a sua organização como mandjuandade, é orientada por regras determinadas internamente.

Segundo Odete Semedo (2010, p.123), “as mandjuandade” são apresentadas como coletividades organizadas, regidas por normas próprias e contribuições específicas”. Na concepção de Tania Jaló (2016, p.23) na mandjuandade, os trabalhos são divididos entre grupos e cada um faz sua parte tanto de um gênero como de outro. Também dentro desse mesmo grupo, nem sempre os componentes têm a mesma idade ou idades bem próximas, porque os mais velhos incluem alguns jovens nos grupos, que darão continuidade à tradição.

Djaló (2013, p.30), também aprofundou sobre grupo de mandjuandade (coletividade), dentro dessa classe, agrupa-se os indivíduos de sexo masculino e sexo feminino que varia de um grupo étnico para outro. Os dois autores referidos acima associam-se na reflexão de Carreira (1961), as quais destacou essa classe de idade constituem grupos de pessoas. Com base nas opiniões dos autores é possível entender que, essas mandjuandade (coletividade) produz comunidade, pertença, senso do dever e da colaboração. É como se fosse uma educação cívica muito poderosa. As pessoas participam, ganham autonomia, são uma grande equipe, tomam decisões, debatem, se formam lideranças. Não tem nem como não exagerar na relevância destas organizações.

Voltando ao debate sobre *Katchituran* em termos conceituais o que são exatamente rituais? Segundo Peirano (2002, p.08), o ritual é considerado como um fenômeno especial da sociedade que nos aponta a revelar representações dos valores culturais.

Por isso:

O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de seqüências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas seqüências têm conteúdo e arranjos caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como “performativa” em três sentidos; 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional [como quando se diz “sim” à pergunta do padre em um casamento]; 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação [um exemplo seria o nosso carnaval] e 3), finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance [por exemplo, quando identificamos como “Brasil” o time de futebol campeão do mundo] (PEIRANO, 2003, p. 11).

Para Rodolpho (2004, p.139), “o ritual mostra as formas convencionais e estilizadas para organizar certos aspectos da vida social”. Ainda autor mostra que, “todos os grupos sociais possuem acontecimentos ou eventos que consideram especiais e únicos; entretanto, as sociedades fazem isto de formas muito diferentes” (p.140). Nesse sentido, podemos entender que, o ritual tem grande importância nas nossas vidas cotidianas, para resoluções de conflitos e reproduzir as relações sociais. O rito de passagem na comunidade tradicional Mandjaku é uma forma de valorizar as categorias existente no desenvolvimento do ser humano, também para agradecer a Deus e os ancestrais que iniciaram com tradição, que permite uma comunicação com ancestrais e a comunidade na base da convivência e relação com outros grupos étnicos.

Os privilegiados a participar no rito de passagem, vão receber um conhecimento especial que lhes permite a terem mais socialização e forma de interagir com os outros como afirma Arnold Van Gennep:

Os jovens não só aprendem os modelos mais básicos do seu sistema, mas, fazendo isso, descobrem uma forma alternativa de viver socialmente num mundo onde as famílias e as crianças desaparecem e com elas as diferenças que constituem a principal raiz dos seus conflitos cotidianos. Por isso, as iniciações e os períodos liminais são formas paradoxais. Ao mesmo tempo que inculcam valores e reprimem sentimentos, elas também apontam na direção de sistemas de comportamento alternativos (GENNEP, 2012, p.18).

É notório que em qualquer sociedade humana cria-se uma política de individualidade como Van Gennep nos mostra aqui:

A vida individual, qualquer que seja o tipo de sociedade, consiste em passar sucessivamente de uma idade a outra e de uma ocupação a outra. Nos lugares em que as idades são separadas, e também as ocupações, esta passagem é acompanhada por atos especiais, que, por exemplo, constituem, para os nossos ofícios, a aprendizagem,

e que entre os semicivilizados consistem em cerimônias, porque entre eles nenhum ato é absolutamente independente do sagrado. Toda alteração na situação de um indivíduo implica aí ações e reações entre o profano e o sagrado, ações e reações que devem ser regulamentadas e vigiadas, a fim de a sociedade geral não sofrer nenhum constrangimento ou dano. Com base nas diferentes abordagens conceituais sobre rituais é possível notar semelhança nas reflexões dos autores que se debruçam sobre este tema (GENNEP, 2012, p.24)

De acordo com estes autores percebe-se que um ritual é um conjunto de práticas consagradas por tradições, costumes ou normas onde incluímos as cerimônias, as quais se atribuem virtudes ou poderes que está vinculada nas formas de agir, nos gestos, símbolos etc. Igualmente, é um processo contínuo praticado pelos seus antepassados e reproduzidos no presente.

7.1 A formação do imaginário étnico-social dos Mandjakus

Cada comunidade ou grupo étnico tem a uma formação de imaginário social, isto é, na etnia Mandjaku, existe um conjunto dos símbolos, costumes e memórias que têm significados específicos para a aldeia em comum e de todas as pessoas que fazem parte dela. Ela é motivo de união para que todos os povos vivem na mesma harmonia, e possuam a mesma educação cultural através da convivência humana. De modo que, diversos autores procuram definir o conceito uma vez que, entendidos sob diferentes pontos de vista, dependendo do contexto em que se inserem.

Segundo Baczkó (1984), conceituar o termo Imaginário talvez requeira considerar o conjunto semântico que o termo apresenta. O autor observa que a expressão imaginário foi, e é possível que ainda o seja compreendida como expressão própria ao discurso das artes ou relacionada ao “fantástico”, ao mundo dos “sonhos”, das “ilusões”. No entanto, Baczkó reconhece que o imaginário se dissocia cada vez mais desses significados tradicionais que lhe cabiam. Também Barbier (1994) afirma em seu texto sobre o imaginário que o termo tem significados diferentes para cada pessoa. Para alguns, o termo imaginário pode significar uma produção de devaneios, de imagens fantásticas que transportam o indivíduo para longe das suas preocupações cotidianas ou como uma força criadora. Outros ainda o veem como parte fundamental para a construção da identidade do sujeito. Ainda Baczkó (1984, p.310) afirma que o imaginário social é uma força que regula a vida coletiva. Indica não apenas que o indivíduo pertence àquela classe social ou sociedade, como também o modo como este se relaciona com esta sociedade, com suas divisões internas, suas instituições, etc. O imaginário social é uma peça efetiva e eficaz do controle da vida coletiva e, em especial, do exercício do poder.

O poder funciona na sociedade Mandjaku de uma forma hierarquizada, onde o Régulo é o chefe máximo de todos os outros responsáveis da comunidade. Tudo o que é organizado ou realizado na tabanca deve ser de consentimento dele. O poder de Régulo abrange duas questões que são: questões materiais e espirituais. No que concerne a questões materiais, na base dos imaginários dos círculos tradicionais Mandjaku, o regulo é a principal pessoa que autoriza o início da lavoura e estipula as datas do trabalho do campo etc. Porém, a segunda pessoa com autoridade de exercer este poder além do Régulo, é o chefe da tabanca (Nasin Utchak), porque ele tem o poder de organizar a tabanca e de julgamentos. No que diz respeito às questões espirituais, o Régulo como autoridade máxima da comunidade Mandjaku, ele carrega uma grande responsabilidade, tem o poder, e o dever de cuidar, e proteger todas as pessoas nessa sociedade tradicional, de forma corporalmente assim como espiritualmente. No entanto, entende-se que o Régulo controla e coage os corpos na base dos padrões que tradicionalmente são criados ou estabelecidos pelos ancestrais, ainda se compreende que o corpo do régulo na comunidade é presente, ele é a principal pessoa para realizações das atividades religiosas na comunidade Mandjaku. Os Régulos exercem as suas funções, segundo Cassama⁹ que eles “serve de um elo entre a estrutura administrativa do Estado e as suas respectivas comunidades”.

8 DESCRIÇÃO DE *KATCHITURAN*

Katchituran é uma manifestação cultural dos Mandjakus de Caió feita pelos jovens na “*tumba*”, local de encontro destes jovens com a finalidade de realizar rituais sobre a vida de Uran ou Mandjuandade (Jaló, 2016, p.29). Para organizar a dança de *Katchituran* o grupo deve seguir com as seguintes etapas segundo Pereira 2021a)¹⁰: (Na primeira etapa-, os membros do grupo se reúnem para decidir quem vai participar na dança, porque durante cinco (5) anos das preparações, o grupo realiza vários encontros, trabalhos e festas. No cada encontro do grupo os membros se contribuem para obter o fundo para realização da cerimônia de passagem. Através desses encontros realizados, *nasin uran* juntos com outros membros do grupo vão em conclusão e decidem quem participa ou não, tudo isso é baseada na participação nos encontros e na contribuição de cada membro da coletividade. Em seguida as meninas vão preparar uma comida chamada *Jakob*, é feita com farinha de arroz batido no pilão junto com banana e um pouco de açúcar depois é transformado como bolinhos e colocado no cuscuzeiro no fogo depois de ficar pronto é colocado na cabaça. Os meninos vão procurar o vinho para ritual de previsão. Ainda

⁹ Lassana Cassama. Disponível em: <https://www.voportugues.com/a/r%C3%A9gulos-na-guin%C3%A9-bissau-entre-a-autoridade-tradicional>.

¹⁰ Adelino Sam Pereira, natural de Caió ele participou na dança de *Katchituran* em 2004, entrevistado por Vladimir da Costa no dia 29 de maio de 2021 em Guiné-Bissau (virtual)

Pereira (2021a) argumentou que na segunda etapa é feito um ritual de previsão, onde os meninos e meninas escolhidos para participar na dança vão junto com *nasin uran*, *Adjubeniu* (padrinho do grupo) e anciões de tabanca para perguntar ou consultar Cansaré quais jovens irão participar ou não na dança. Tudo é feito para prevenir futuramente os mistérios como feitiçaria, doenças etc. Depois do ritual de previsão os escolhidos para cerimônia vão levar a notícia aos seus familiares levando com eles *kakomb* que simboliza convite ou incentivo para manifestação cultural. De acordo Caceroe (2020)¹¹, terceira etapa-, é um momento importante para realização do ritual, depois da escolha de data, o grupo não partem diretamente para realizar a dança, mas, sim eles vão apresentar a data escolhida para autoridade máximo da comunidade na pessoa do Régulo segundo as normais estabelecido tradicionalmente na tabanca, porque tudo que é realizado na comunidade deve ser do consentimento do Régulo, sem a premissa dele nada pode ser feito. Como a autoridade máxima é obrigação dele cuidar / proteger os corpos presente na comunidade sobre os espíritos malignos. Nesse sentido que *nasin uran* leva com ele vinho de palmeira / óleo palma e uma galinha para fazer agendamento. O régulo vai consultar na sua agenda se não coincide com outras atividades, porque este cerimônia é muito sagrado para os Mandjakus de setor de Caio e, não pode ser interrompida por outras cerimônia ou choro. Por isso o Régulo vai pegar oferendas do *nasin uran* para fazer um ritual para ver se naquele dia que eles querem realizar a dança de *Katchituran* se vai acontecer uma coisa ruim ou não, mas, se tudo está bem para realizar a cerimônia no dia que eles querem, o Régulo entrega para *nasin uran* uma vassoura construída com a folha de palmeira como resposta porque, a vassoura é símbolo de limpeza de que eles podem realizar a dança porque não vai acontecer outras coisas que podem interromper a brincadeira. Segundo Tania Jaló, (2016, p.29) a vassoura é, a rigor, uma forma de enaltecer o poder do seu representante ou presidente. Outro processo é feito a partir da participação das meninas da comunidade. Caceroe (2020) mostra que, na quarta etapa-, cada dançarino/a vai construir *Untadju*¹², onde eles/as vão receber os seus amigos, famílias que foram dar-lhe visita e presentes. Maioria dos presentes são panos de pinti e os outros são apoio dos amigos com bebidas para convidados do dançarino. Através dessas construções dos *Untadjus* que são todos cobertos de panos de pinti, também é utilizado para ornamentação nas entradas de casa e na saída da casa para informar as pessoas sobre participação do dançarino no evento ou cerimônia.

¹¹ Rucas Domingos Caceroe natural de Caió (Guiné-Bissau), estudante de UNILAB, entrevistado por Vladimir da Costa no dia 13 de janeiro de 2020, Acarape / Ceara-Brasil.

¹² Untadju é uma barraca construída com conjuntos dos panos de pinti (fig.07)

Sucintamente, *Katchituran* é manifestada durante três (3) dias, segundo Pereira (2020b)¹³ cada um desses dias os dançarinos vão para o local da dança, cada dançarino apresenta junto com seus grupinhos uma performance diferente imitando arte da sua geração. Dentro da comunidade Mandjaku é representado por gerações (dos pescadores, lavradores, construtores assim por diante), tudo isso, é feita para engrandecer ou homenagear os ancestrais.

8.1 A presença da música e a dança, nas cerimônias dos Mandjakus

Como sabemos que a música e a dança sempre caminham juntos em várias ocasiões, elas constroem um padrão político em maioria dos países, especificamente nos países africanos. Quando têm as manifestações culturais dos corpos, elas estão sempre a dar suporte um a outra, como afirma Ralha Laranjeira:

A Dança serve-se do suporte emocional e expressivo que a Música confere ao movimento, estabelecendo uma ligação comunicativa com o público. Esta é uma relação recíproca na qual existe uma conexão entre o corpo (físico) e a razão (consciente), proporcionando ao espetador a “audição” do movimento e trazendo qualidade ao gesto técnico dançado. (RALHA LARANJEIRA, 2014, p.1)

Na comunidade Mandjaku, a música e a dança, é uma das expressões culturais indispensáveis na comemoração dos povos.

Cada técnica de dança “constrói um corpo especializado e específico, um corpo que representa uma determinada visão estética da dança de um coreógrafo ou tradição” (Foster, Reading Dancing, 1986, p.485). Ou seja, cada técnica de dança pressupõe um programa de desenvolvimento, da força, da flexibilidade, do alinhamento, do ritmo e do equilíbrio, desenvolve determinadas qualidades de movimento e o virtuosismo; coloca a ênfase em certas partes do corpo e relações entre si; pode assentar numa extensa nomenclatura e inúmeros elementos mínimos de movimentos susceptíveis de serem agrupados em sequência ou simultaneidade, a partir dos princípios anatômicos, fisiológicos e estéticos que regulam as combinações possíveis. (FAZENDA 2012, p.68).

Em qualquer cerimônia de grande importância como: *Cacau*, *Katchituran*, *Cauet-puboman*, e *Cansaré*, os meninos e meninas vão dançar e cantar as músicas de ditos para os ancestrais, junto com gestos e movimentos padronizado pelos mais velhos na tabanca. Cada ritual que existe na tabanca, tem o seu próprio padrão de dança e canto, conforme as normas estabelecidas tradicionalmente pelos ancestrais, e nenhum dos corpos que participam nas cerimônias fazem o que ele quiser, mas sim eles todos seguem o legado deixados pelos que lhes antecederam nessa sociedade mandjaku. Para os povos desse território, é uma coisa tranquila desde que os ancestrais se alegaram com oferendas e abençoassem as terras para haver uma boa colheita de arroz e outros produtos semeados no solo dos ancestrais, segundo a tradição é uma

¹³ Carlos Pereira natural de Caliquesse, e neto de setor de Caió, estudante de Antropologia (UNILAB), entrevistado por Vladimir da Costa no dia 15 de janeiro de 2020, Acarape / Ceará-Brasil.

coisa boa a se fazer. Partindo da experiência vivenciada nessa comunidade tradicional Mandjaku, quando tem algum acontecimento na tabanca o Régulo e chefe de tabanca, são os primeiros a saberem da notícia, porque eles estão sempre atentos para proteger os corpos possuídos pelos espíritos malignos e atento para salvar almas dos pobres corpos que as vezes não sabem o que estão acontecer com eles/as. Então o Régulo chama esses corpos possuídos pelos espíritos malignos para um ritual de lavagem, onde ocorre uma grande cerimônia, e sacrificam as limarias, (porco, cabra, galinha, vaca etc.), também com a presença de diferentes tipos de vinhos. Nesse ritual, a música e dança sempre estão presentes para auxiliar os corpos que se encontram na cerimônia, para transmitir a mensagem de forma não verbal para os deuses, como um dos requisitos ou normas estabelecidas tradicionalmente nessa comunidade tradicional. Quando esses corpos foram limpos, elas se ocupam novamente o estatuto de novo iniciante ao serviço da comunidade. O poder e o respeito que o Régulo ganha nessa sociedade, são frutos das suas responsabilidades de cuidar e proteger os corpos dos indivíduos que estão no seu território. Nesse caso, se o Régulo não corresponder com aquilo que é da perspectiva comunitária, este imaginário acabará por perder a sua credibilidade como autoridade máxima da espiritualidade religiosa da comunidade. Com isso ele faz tudo para que os membros da comunidade convivem na base das visões alinhadas pelos ancestrais, que é proteger e cuidar dos corpos (físicos e espirituais) na *tabanca*.

Sabe-se que, nesse ritual a água é crucial para cerimônia, porque durante a dança os dançarinos recebem nos corpos grandes quantidades de águas que vêm em diferentes comunidades vizinhas e da própria tabanca para saber entre aqueles jovens, quem tem mais estrutura física para enfrentar o frio uma vez que é realizado no mês de dezembro que na Guiné-Bissau é o mês de muito vento (frio). “A água sagrada tem grande importância para manterem os corpos dos adolescentes que são escolhidos para essa cerimônia, mais resistente e persistente aos quaisquer tipos de feitiços contra os eles/as que ficam sem camisa durante a cerimônia (JALÓ,2016, p.29)

É importante ressaltar que, o uso de pano de pinti no momento de cerimônia de passagem tem um grande valor significativa na etnia Mandjaku, e não só também nos diferentes tipos de rituais tais como: No casamento, na investidura do Régulo, nas consagrações de *Bamanha* (sacerdote) e *Napéné* (adivinhador), nas mortes, e entres outros. Os panos de pinti representam uma função indispensável na vida cotidiana dos Mandjakus, e para todos os guineenses, pois, nos identifica internacional das outras culturas.

No que tange as bebidas (vinhos) nesse ritual de passagem é muito importante, não só em qualquer tipo de cerimônia na etnia Mandjaku, porque sem o vinho não pode acontecer a cerimônia. Portanto é necessário o vinho para derramar na *Utchai (Iran)*, para que os pais peçam proteções aos filhos/as durante os ritos de passagem. Por isso o vinho é o motivo da solução para que tudo corram bem. Esse ritual se passa de geração a geração, isto é, é um processo contínuo.

Figura 2 - Dança de Katchituran em Caió, 2020



Fonte: Adelino Sam Pereira

De acordo com a imagem em cima os dançarinos/as estão apresentando várias performances de uma forma bem padronizado. Conforme eles/as dançavam os amigos e familiares jogavam águas neles/as, isso provoca o frio. Como já tinha mencionado na introdução do que, durante a dança os dançarinos/as vão ser avaliados quem tem mais estrutura física para resistir ou aguentar o frio. Imagem também nos apresentam as pessoas deitados no chão fazendo o teatro de várias formas. Segundo a tradição de *Katchituran* cada dançarina fica atrás do dançarino como gesto de respeito e proteger as meninas na tabanca. Os figurinos são muito importantes nesse ritual, os homens vestem os couros de limarias mortas e alguns objetos no corpo e, as mulheres vestem apenas uma banda¹⁴ feito como pano de pinti, eles colocam o óleo no corpo e com muitos objetos que é muito pertinente ao ritual de *Katchituran*.

¹⁴ Banda – é uma parte de pano de pinti, porque pano de pinti é construído por seis (6) partes ou 8 partes. As mulheres usam para cobrir a frente.

9 METODOLOGIA

Tendo em conta a estrutura do nosso projeto, em especial do objetivo geral que visa “Compreender o papel de Katchituran na formação do imaginário étnico-social dos Mandjakus do sector de Caió”, decidimos adotar o método da oralidade, para atingir os objetivos específicos. Também neste trabalho adotamos a abordagem qualitativa de pesquisa por parecer-nos mais apropriado para a análise que pretendemos levar a cabo. Este método contém os procedimentos de coleta mais apropriados a este tipo de pesquisa o que poderá favorecer a análise do material coletado. Um dos meus objetivos específicos, é analisar cerimónias e rituais de transição na etnia Mandjaku.

Portanto, é importante fazer uma breve contextualização da pesquisa qualitativa, que, para Creswell (2010), visa analisar e compreender o sentido que uma determinada sociedade concede a um fenómeno ou acontecimento que ocorre dentro dela. Também para os dois autores, Marconi e Lakatos (2010), a metodologia de pesquisa qualitativa difere doutras formas de pesquisa, principalmente a quantitativa em múltiplas dimensões: seja pelo procedimento de coleta e análise de dados, seja pela não utilização dos instrumentos estatísticos. Ela busca analisar e interpretar de maneira mais profunda os aspectos que condicionam a complexidade da conduta humana. Em outras palavras, ela propõe extrair o sentido dos hábitos, atitudes e tendências das sociabilidades e seus condicionantes.

Como procedimento de dados decidimos fazer no primeiro momento a pesquisa bibliográfica, na qual buscaremos trabalhar com textos, livros, artigos relacionados com a temática que orienta a nossa pesquisa, dando prioridade a autores/as Bissau- guineenses, de outros países africanos e dialogando com a bibliografia sociológica e antropológica sobre rituais. Para Gil (1991), a relevância da pesquisa bibliografia se resume no fato de que ela permite um acesso a ampla cifra de dados e fontes que seriam muito difíceis de alcançar se fossem pesquisados diretamente. Além disso, a fim de realizar entrevista semiestruturada, que na concepção de Lakatos e Marconi (2010), é uma forma de coleta de dados qualitativos que permite ao entrevistado expor livremente as opiniões em relação ao assunto a ser estudado.

A pesquisa é realizada na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) em Acarape CE. também em Guiné-Bissau. Fizemos três (3) entrevistas semiestruturada, os participantes são os filhos do setor de Caio que já participaram na cerimónia de *Katchituran*, entrevistamos dois (2) estudantes de UNILAB e, um (1) na Guiné-Bissau. As fotografias utilizadas no trabalho foram fornecidas por entrevistados principalmente os que residem em Guiné-Bissau e, outras fotografias foram extraídas na internet, como forma de

facilitar a comunicação da pesquisa. Não foi nada fácil para conseguir as fotos, alguns autores das fotos solicitaram pagamento para ceder as fotos, em conceito de direito de autor.

No que se refere ao procedimento de análise e interpretação de dados, decidimos a transcrição da entrevista com o relato do contexto de realização e aplicar a ela análise do conteúdo considerando como relevante: a descrição do ritual, suas fases, passos e momentos; a importância que lhe é atribuída por estes jovens, como viam o ritual na época e como o vem agora. A experiência na mandjuandade. As simbologias dos objetos com vassoura e pano de pinti.

Dado ao exposto, dividiremos esta etapa em três fases distintas, na primeira fase iremos organizar os dados a fim de deixá-los estruturados de maneira que facilite a seleção em tópicos. Já na segunda fase, faremos a seleção de acordo com as temáticas para facilitar o processo de análise e interpretação dos dados. Na terceira e última fase, faremos a análise propriamente dita buscando compreender a partir das hipóteses, questões e discursos levantados a respeito à cerimônia de *Katchituran* em Caio, isto é, empreender um exercício interpretativo do sentido que os sujeitos da nossa pesquisa dão ao fenômeno em causa.

10 CRONOGRAMA

ETAPAS (Futuras)	Período Meses	2022										2023									
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
I- Revisão Bibliográfico		x	x	x	x	x	x	x													
II- Reformulação do Projeto							x	x	x												
III- Redação e Exame de qualificação							x	x	x	x											
IV- Construção dos Instrumentos de Pesquisa							x	x	x	x	x										
V- Coleta dos Dados: Entrevista e análise documental (Trabalho de Campo)												x	x	x	x	x					
VI- Análise do material coletado e Redação														x	x	x					
VII- Análise das Imagens obtidas														x	x	x					
VIII- Redação do Trabalho Final																x	x	x			
IX- Correção e ajustes finais																		x	x		
X- Defesa do Trabalho																				x	

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

BACZKO, Bronislaw. **“A imaginação social”** In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p.310.

BARBIER, René. **Sobre o imaginário**. Trad. Márcia Lippincott da Costa e Vera de Paula. Em Aberto, Brasília, (61): 15-23, jan./mar. 1994.

CARREIRA, Antônio. **O livro do grupo étnico manjaco: contribuição para o estado da sua extensão na zona intertropical**. Boletim cultural da Guiné-Portuguesa, 8 (29), pp-107 a 111

CARVALHO, Carla. **A Revitalização do poder tradicional e os regulados manjaco da Guiné-Bissau**. Soronda revista de estudos guineense nova série n-7 dezembro 2003

CARVALHO, Carla. **Ritos de poder e a recuperação da tradição**. Os régulos manjaco da Guiné-Bissau. Soronda: revista de estudos guineense, Bissau, v.4, n.1, pp-1 a 349, 1998.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto; tradução Magda Lopes**. 3ª ed. Porto Alegre: ARTMED, 2010.

DJALÒ, Tcherno. **O mestiço e o poder: Identidades, dominações e resistências na Guiné**. Nova veja 2ª Edição, 2013, p.30

FAZENDA, Maria José. **Dança Teatral: Ideias, Experiências, Ações**. 2 ed. Lisboa: Edições Colibri/Instituto Politécnico de Lisboa, 2012.

FDB- Faculdade de Direito de Bissau. **Direito Costumeiro Vigente Na República Da Guiné-Bissau**. Com a colaboração do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), 2007-201

FOSTER, Susan. **Reading Dancing: Bodies and Subjects in Contemporary American Dance**. Berkeley: University of California Press, 1986. alifornia Press, 1986

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações etc.;** Tradução: Mariano Ferreira; Apresentação: Roberto da Matta. Editora Vozes: Petrópolis, 2012

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 3ª ed. São Paulo; Atlas S. A., 1991.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: Uma breve história da humanidade;** Editora: L&PM; 1ª edição 2 março 2015.

JALÓ, Tânia Correia. **A presença das estamparias (panos de pente) na etnia Manjaco**. UNILAB, TCC, BHU, São Francisco do Conde Bahia, 2016, pp-29 a 42.

JALÓ, Tânia Correia. **O ritual, cerimônia de Katchituran na cidade de Caio.** Revista África e Africanidades - Ano XII – n. 30, maio 2019 – ISSN 1983-2354. Disponível em: www.africaeaficanidades.com.br

JESEUS, Bernardo Gomes. **Mandjacos da Guiné-Bissau: Sobre Discursos, Cultura, Saberes e Tradições no Período Colonial e Pós-Colonial.** TCC de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS; Porto Alegre, 2018.

LARANJEIRA, Marta Joana Simões Ralha. Disponível em: https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/4717/1/RF_MED-2014... · PDF

MARCONI, M. de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 7ª ed. São Paulo, Atlas S. A. 2010.

MENDES, Paulina. **Entre os "Saberes locais" e o "Saber universal":** A modernização das comunidades manjaco e a mandjição do Estado na Guiné-Bissau. (teste de doutoramento em pos-colonialismo e cidade global, Faculdade de economia da universidade de Coimbra), setembro 2014, pp-54 a 125.

MENDES, Virgínio Vicente. **Rituais e iniciação do povo Manjaco da Guiné-Bissau: Adivinho/Napene e Régulo/Namantch.** UNILAB, TCC BHU, São Francisco do Conde Bahia, 2017, pp-16 a 42.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje.** Ciência Sociais – Passo – A – Passo. Zahar, 2002, p.09.

RODOLPHO, Adriane Luisa. **Rituais, ritos de passagem e de iniciação:** uma revisão da bibliografia antropológica. Estudos Teológicos, v. 44, n. 2, pp. 138-146, 2004.

SEMEDO, Maria Odete. **Pano de pente no casamento.** 2006. Disponível em: <http://panodepentequineense.weebly.com/casamento-tradicional.html>;

SEMEDO, Maria Odete. **As mandjuandadi: cantigas de mulher na Guiné-Bissau, da tradição oral à literatura.** Belo horizonte, 2010, p.143.

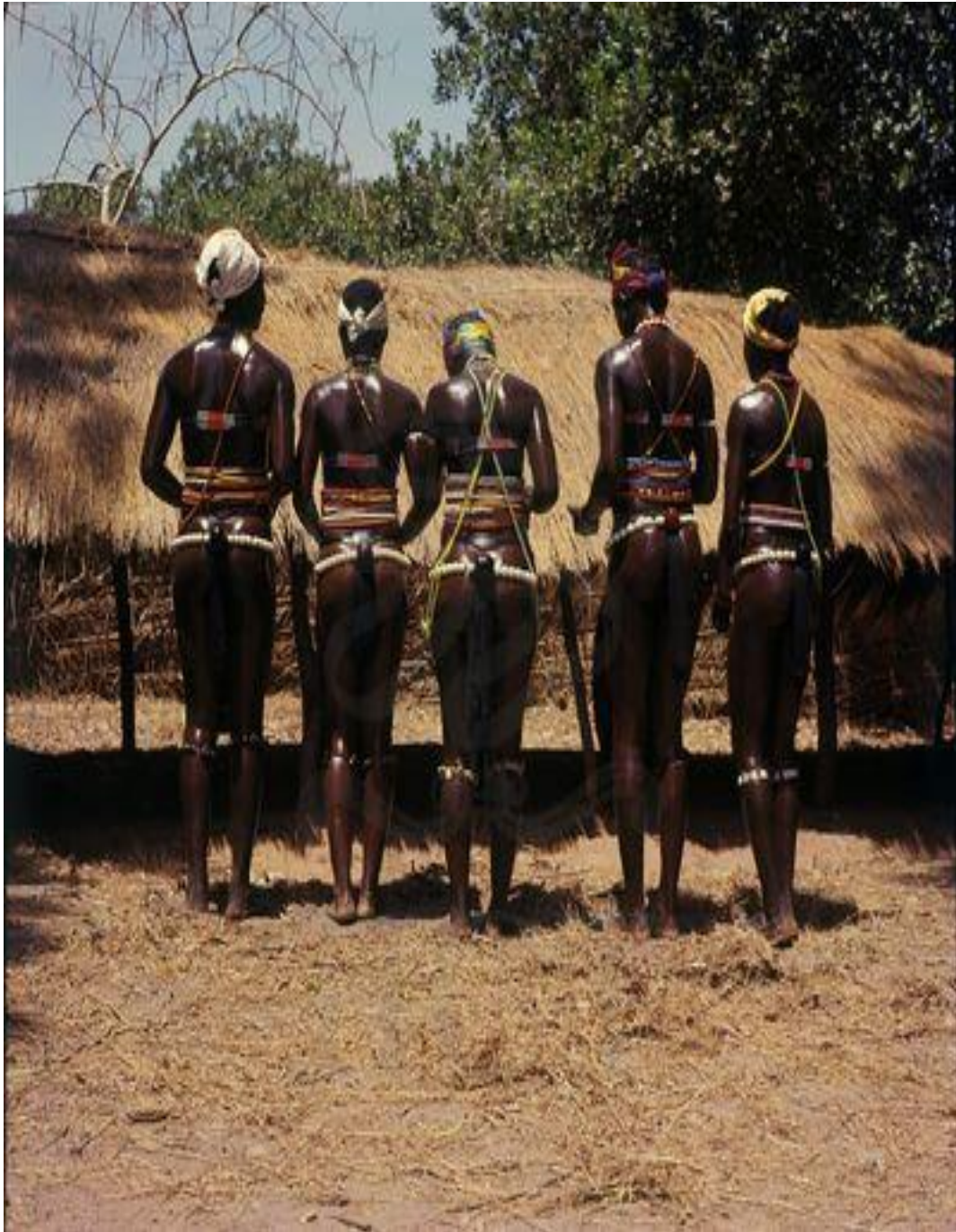
11 ANEXOS

Figura 3 - Meninas vestidas para participar na dança (frente)



Fonte: <https://www.images.app.goo.gl/iDWsqZcanQLhBW9.com>

Figura 4 - Meninas vestidas para participar na dança (atrás)



Fonte: <https://www.images.app.goo.gl/iDWsqZcanQLhBW9.com>

Figura 5 - Fila de dança dos meninos e das meninas nas ruas.



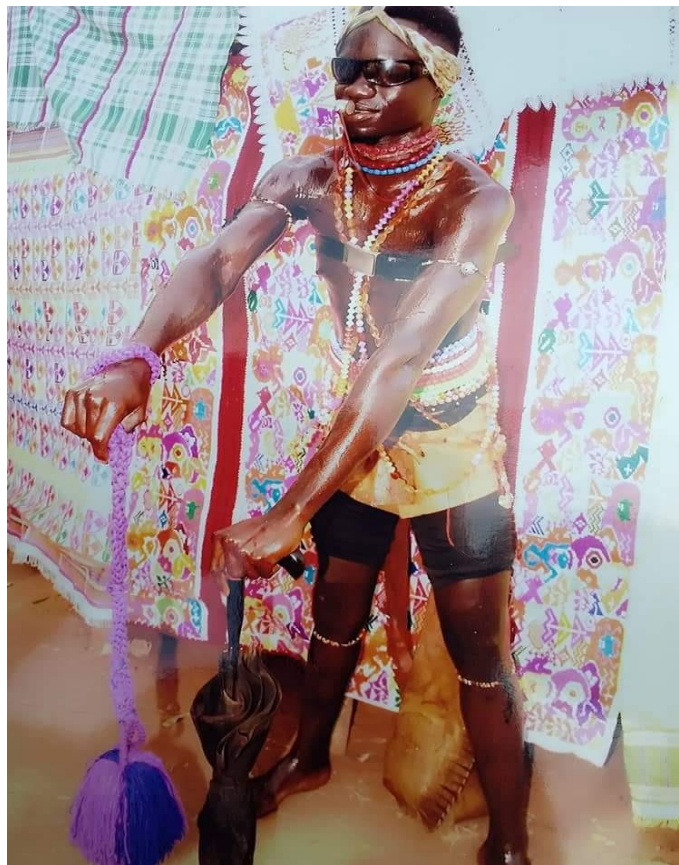
Fonte: Matcho Pedro Barrego

Figura 6 - participantes de Katchituran Caió 2020



Fonte: Adelino Sam Pereira

**Figura 7- Dançarino no seu Untadju (barraca
construído de panos de pinti)**



Fonte: Cidico Joãozinho Mendes

Figura 8 - Cansaré para ritual de previsão (imagem colocado é para ajudar na compreensão)



Fonte: Eva Kipp, 1994. Disponível em: http://senegambia.blogspot.com/2005/08/guin-bissau-aspectos-da-vi_112455778665276729.html?m=1

Figura 9 - Os vendedores de panos de pente no mercado nacional guineenses.



Fonte: <http://www.rispito.com/2019/05/pano-de-pente-heranca-textil-que.html>

Figura 10 - Diferentes tipos de panos de pente, (os que estão em cima são mais caras à relação aos que estão em baixo.



Fonte: <http://conosaba.blogspot.com/2016/04/guiné-bissau-ong-recebem-apoio-da-eu.html>